

FORMA, SENTIDO E ALTERIDADE:

APONTAMENTOS SOBRE O ESTATUTO DA PALAVRA EM CHARAUDEAU E VOLÓCHINOV

10.29327/210932.9.1-8

Eduardo Silva Moll

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

eduardosilva.moll@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0635-9845>

RESUMO: A palavra em estreita relação com a alteridade e com a (co)produção de sentidos parece ser uma tônica do método sociológico proposto por Bakhtin e Círculo, assim como do olhar semiolinguístico de Patrick Charaudeau. O objetivo deste artigo é discutir a relação entre alteridade, forma e sentido para os teóricos citados. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica e elencamos a palavra como eixo de análise. Primeiramente, apresentamos uma leitura do processo de dupla semiotização do mundo e o contrato de comunicação em Charaudeau, levando em conta tanto a relação de alteridade mais ampla, quanto a mais imediata na seleção das palavras que compõem o enunciado. Depois, apresentamos uma leitura do caráter ideológico do signo e de sua mutabilidade específica; tema e significação em Volóchinov. Finalmente, balizamos nossa discussão pelos construtos de representação social e ideologia, compreendendo o papel da forma na criação de sentidos em face ao outro.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra. Método sociológico. Semiolinguística.

APONTAMENTOS INICIAIS

A palavra em estreita relação com a alteridade e com a (co)produção de sentidos parece ser uma tônica da abordagem sociológica ao estudo das ideologias proposta por Bakhtin e o Círculo, assim como da perspectiva semiolinguística de Patrick Charaudeau. Percebemos isso porque notamos, em ambas as perspectivas, a concepção do fenômeno discursivo enquanto um agir que entrelaça o social e o individual, o constituído e o singular, nas contingências do discurso situado. A ambas as perspectivas subjaz uma epistemologia na qual o sujeito é visto de forma ativa, realizando escolhas em face ao outro para construir sentidos, inserindo-se como participante em uma comunidade em que maneiras mais ou menos estabilizadas de cognoscência e de participação no mundo são individualizadas, reatualizadas a cada interação discursiva. Portanto, tomamos como ponto de partida uma indagação que perpassa as formas da língua, os sentidos objetivados e a alteridade nas teorizações dos dois autores.

Tão logo o enlace acima citado é tomado como ponto de partida, os apontamentos aqui conduzidos não podem ser pensados à parte da constitutiva alteridade manifesta nos discursos enquanto condição de autoria, visto que, já na palavra enunciada do sujeito, há o eco de seu outro, de seu parceiro, assim como da coletividade em que ambos se inserem. Entendemos autoria a partir da leitura dos dois autores como a tomada de posição

do sujeito em vista ao seu outro no universo discursivo, universo esse compartilhado pelo sujeito por sua coletividade e pelo seu parceiro de comunicação, seja ele mais ou menos imediato. Logo, a autoria pode ser compreendida como a tomada da palavra de um “eu” que se ancora num “nós”. A proposição da vivência do “nós”, marcada pela coletividade do falante, aparece já em *A palavra na vida e a palavra na poesia*: “o ‘eu’ pode se realizar na palavra apenas apoiando-se no ‘nós’” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 121). No texto de 1929, entendemos que a vivência do “nós” é o estágio em que a objetivação do enunciado se torna possível *porque* há a vivência de uma coletividade, a “orientação social” da consciência do falante (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 208). Logo, compreenderemos autoria como a materialização da palavra enunciada, única e irrepetível, que é, ao mesmo tempo, marca de uma vivência social; e discutiremos, neste artigo, uma das formas dessa materialização, a *palavra enunciada*, a qual não deixa de ser palavra da língua e da coletividade, mas se individualiza sob a égide da autoria.

Nossa posição é: ao pensar as maneiras como a palavra da língua se concretiza no discurso, estamos discutindo relações entre sujeitos, fazendo da forma um tenso encontro entre coletividade e individualidade. Nosso artigo surge como um diálogo com ambos os autores, de forma a perceber como essa posição encontra respaldo científico. Ao falarmos sobre palavra, portanto, remeteremos o leitor a uma discussão que é feita acerca da relação entre a concretude do enunciado – sua manifestação –, as potencialidades da língua e as condições de alteridade na qual esse movimento se engendra, ao passo em que o instancia. Essas condições de alteridade dizem respeito à relação que a palavra enunciada tem com a relação que o falante tem com seu interlocutor e com as estruturas macrosociais que perpassam o evento interativo. Acreditamos que a discussão sobre o estatuto da palavra em estreita relação com a alteridade possa contribuir para uma leitura possível do ato discursivo em teorias diferentes, embora próximas.

Assim, o objetivo deste artigo é discutir a relação entre alteridade, forma e sentido para os teóricos Patrick Charaudeau e Valentin Volóchinov. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica e elencamos a palavra como eixo de análise, visto que essa nos parece ser uma materialidade empírica que explicita importantes processos em ambas as teorias, sendo eles a dupla semiotização do mundo e o contrato de comunicação em *O discurso das mídias*, de Charaudeau ([2005] 2019), assim como também a complementaridade entre sinalidade e signicidade, tema e significação discutidas em *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov ([1929] 2018). Escolhemos essas obras porque: (i) elas gozam de reconhecimento nos centros brasileiros de pesquisa; (ii) entendemos a alteridade como intrínseca tanto ao movimento de apelação e captação das mídias, quanto da proposição de uma abordagem sociológica para o estudo das ideologias. Pelo viés da alteridade, acreditamos que seja produtivo propor um caminho de leitura sobre a palavra enunciada em ambos os autores; uma aproximação demandaria discriminação das diferenças entre eles, algo que excede os objetivos deste artigo.

Nesse sentido, o artigo organiza-se da seguinte forma: num primeiro momento, apresentamos uma leitura do processo de dupla semiotização do mundo e o contrato de comunicação em Charaudeau ([2005] 2019), levando em conta tanto a relação de alteridade mais ampla, quanto a mais imediata na seleção das palavras que compõem o enunciado. Num segundo momento, apresentamos uma leitura do caráter ideológico do signo e de sua

mutabilidade específica, os quais remetem aos tensionamentos entre tema e significação no discurso. Por fim, balizamos nossa discussão pelos construtos de representação social e ideologia para os autores, compreendendo o papel da forma na criação de sentidos em face ao outro. Em nossa ordem expositiva, permaneceremos alinhados às epistemologias e terminologias dos autores escolhidos, somente ao final buscaremos pontos de convergência no diálogo.

A nossa avaliação prévia é de que o estudo da palavra em face à constitutiva relação de alteridade que ela materializa no discurso proporciona *um* caminho de leitura para o contato entre essas teorias entre outros que podem ser feitos. Tal avaliação se sustenta porque, em ambas as teorias, a palavra enunciada parece transcender sua forma linguística, acenando a aspectos que são decorrentes da situação de comunicação – da relação alteritária entre os participantes da interação discursiva. Veremos como essa avaliação se esclarece nas seções que seguem.

PALAVRA, SEMIOTIZAÇÃO E CONTRATO DE COMUNICAÇÃO EM CHARAUDEAU

Antes de procedermos à nossa discussão sobre o estatuto da palavra enunciada em Charaudeau, precisamos destacar que a obra que estamos analisando possui um objetivo diferente do empreendimento teórico de Bakhtin e do Círculo. Volóchinov, assim como o Círculo, lança proposições sobre a natureza da linguagem e sobre a criação ideológica em estreita relação com a comunicação discursiva. Em *O discurso das mídias*, Charaudeau ([2005] 2019) faz uma análise do discurso midiático na modernidade, uma prática linguística específica, aplicando nessa análise suas ideias sobre semiótica e comunicação. Os trechos dessa obra que iremos discutir, embora nutra relações com suas ideias semiolinguísticas desenvolvidas em outras obras, se referem à cena midiática. Entretanto, acreditamos que, pelo fato de as mídias adentrarem em diferentes campos da comunicação na contemporaneidade, o diálogo com as proposições bakhtinianas seja produtivo.

Ao teorizar sobre o discurso das mídias, Charaudeau ([2005] 2019) indica que a maneira pela qual o mundo é semiotizado relaciona-se com as demandas específicas dos variados contratos de comunicação. Esses, de forma geral, concernem ao “reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira”, manifesto num “acordo prévio” relativo aos papéis de cada um nessa interação, assim como às finalidades de cada ato linguageiro (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 68). Portanto, o processo de semiotização responde às demandas da relação eu-outro na atividade verbal, assim como à validação dessa demanda num interior sociocultural. Compreendemos, como ponto de partida, que qualquer processo de semiotização do mundo mantém vínculo estreito com as situações de alteridade mais ou menos imediatas, as quais reverberam na materialidade dos enunciados.

Do acima exposto, depreende-se que a semiotização transforma a língua em um espaço no qual a própria relação entre os interlocutores determina a materialidade do enunciado. O enunciado, portanto, passa a ser índice da criação de espaços específicos de (co)produção e (co)interpretação do mundo. Como defende Charaudeau ([2005] 2019, p. 42), “todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação”, a qual se dá no interior de contratos de comunicação. Nesse ponto, elencamos como caminhos para discussão a pa-

lavra enunciada em Charaudeau enquanto (i) escolha alteritária mais ampla, em sentido sociocultural, ao influenciar a materialidade do enunciado nos contratos de comunicação, assim como (ii) escolha alteritária mais imediata, que se manifesta nos processos de transformação e transação do mundo em face às representações sociais. Acreditamos que esses dois caminhos imbriquem-se no ato comunicativo cointencional, em que a relação de alteridade se manifesta já nas palavras escolhidas.

Para compreendermos a *escolha* que engendra a enunciação, remetemos o leitor ao caráter intencional do sujeito para Charaudeau. O autor argumenta que a escolha constrói *o que se diz, como se diz e para quê/quem* algo é dito:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas* (CHARAUDEAU, ([2005] 2019, p. 39, grifos do autor).

Ora, qualquer processo de escolha se justifica em seu motivo: instanciar um locutor e um interlocutor a uma atividade de que ambos são partes igualmente necessárias. Por isso, Charaudeau ([2005] 2019, p. 68) argumenta que “toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação”. Relativamente à escolha, depreendemos que o centro da atividade discursiva é o movimento em direção ao outro, assim como a legitimação desse movimento por parte do outro – o contrato de comunicação. Dessa relação, os sujeitos acordam na interdefinição de seus papéis durante o processo de conhecimento e de agência no mundo. Também, é a essa relação alteritária que a palavra enunciada se remete, ao mesmo tempo em que a instaura. Por que um contrato de comunicação, em termos gerais, nos remete a uma esfera alteritária mais ampla?

Charaudeau responde-nos ao argumentar que qualquer processo de interação discursiva se dá no interior de representações sociais. Como diz o autor, nisso elucidando nosso primeiro caminho de discussão, um contrato “se define através das representações idealizadas que o justificam socialmente e, portanto, o legitimam” (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 87). Essas representações constroem uma “organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso” (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 47), as quais orientam os comportamentos e também abrem espaço para a criatividade dos sujeitos. Por isso, o autor compreende que “todo ato de linguagem seja um ato de liberdade, sem deixar de ser uma liberdade vigiada” (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 71); em outras palavras, a própria liberdade de escolha manifesta na semiotização do mundo só ocorre porque o sujeito está inserido num todo sociocultural mais amplo que o ensina o próprio significado de “escolha” ao ensinar-lhe a alteridade e seus contratos.

Todavia, a agentividade do sujeito não é completamente determinada pelos contratos de comunicação. Embora certas eras e grupos sociais signifiquem e ajam no mundo de forma mais ou menos estável, os contratos de comunicação não são menos estáveis do que situados. Todo contrato se reatualiza em condições específicas de comunicação, embora tomem como quadro de referência as representações sociais. Lemos:

Se é verdade que o sujeito falante está sempre sobredeterminado pelo contrato de comunicação que caracteriza cada situação de troca (condição de socialidade do ato de linguagem e da construção do sentido), é apenas em parte que está determinado, pois dispõe de uma margem de manobra que lhe permite realizar seu projeto de fala pessoal, ou seja, lhe permite manifestar um **ato de individuação: na realização do ato de linguagem, pode escolher os modos de expressão que correspondam a seu próprio projeto de fala** (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 71, grifos nossos).

Nisso, evidenciamos, em que pesa a materialidade do enunciado, a vazão da individuação do sujeito em seu ato discursivo. A palavra enunciada possibilita uma individuação, tanto das formas da língua, quanto das formas de interação discursiva em face a um outro imediato, seu interlocutor, sem alijar-se da ampla esfera sociocultural das representações sociais. Como defende o autor, “são as palavras que apontam para as representações” (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 48); elas são empregadas em situações concretas que reatualizam a memória de como algo pode ser dito (os contratos) agora em caráter situado, contingente. Em caráter contingente, percebemos a alteridade mais imediata influenciando na escolha das palavras enquanto categorias que remetem a formas de conhecer e agir no mundo, segundo o duplo processo de semiotização do real. A palavra enunciada, assim, se inscreve na história como a forma encontrada de pactuar com um outro no enfrentamento do real, por meio da cointencionalidade.

Para Charaudeau, o duplo processo de semiotização do mundo responde aos sentidos criados para uma dada finalidade; sempre novos, portanto. “Toda forma remete a sentido, todo sentido remete à forma, numa relação de solidariedade recíproca” (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 41), evidenciando como a escolha do locutor ao falar sobre o mundo enlaça a singularidade do sujeito ao produzir sentidos em face a seu outro. É em relação ao outro que temos a intenção de fazer/dizer algo, como havíamos dito anteriormente. Isso ocorre segundo um duplo processo de transformação e transação, sendo que o segundo comanda o primeiro. A transação é definida como a significação “psicossocial” do ato linguageiro para o sujeito em face ao outro, à “identidade” do outro, ao “tipo de relação que pretende instaurar com esse outro e o tipo de *regulação* que prevê em função dos parâmetros precedentes” (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 41). Trata-se da instauração da relação no discurso por meio da enunciação, a qual alimenta as maneiras pelas quais o enunciado se constrói. A construção do enunciado é a transformação. Logo, a relação alteritária mais imediata comanda a transformação do mundo pelo ato discursivo, como previmos em nosso segundo eixo de discussão. Em que consiste a transformação?

Charaudeau argumenta que a transformação consiste na passagem do “mundo a significar” em “mundo significado”. Essa passagem é efetuada em discurso e manifesta na materialidade do enunciado. Nesse processo, a *nomeação* é de extrema relevância, visto que expressa, por formas – as palavras – as “categorias que identificam os seres no mundo”, suas qualificações e seu ponto de vista acerca do fenômeno (CHARAUDEAU, [2005] 2019, p. 41). Portanto, o ponto de vista do sujeito ativo se manifesta nesses dois processos, os quais têm, em sua contraparte, o outro imediato e as finalidades das múltiplas e singulares situações de comunicação. A forma pode ser lida como índice de interação comunicativa e de criação de sentidos sempre novos, manifestando, na palavra enunciada, um espaço

em que o *signo*, o *sujeito* e seu *outro* se encontram no processo de nomeação, compreensão e intervenção no mundo.

Dessa nossa exposição, podemos compreender que a palavra enunciada transcende a forma¹, ao ancorar-se nela e nas representações sociais de uma dada comunidade para produzir sentidos situados em face ao outro. Ao mesmo tempo, a palavra enunciada não é menos sua forma do que seu sentido; em outras palavras, as formas (seja dos contratos, seja das palavras) remetem às maneiras correntes de agir discursivamente. Disso decorre que a alteridade mais ou menos imediata é componente ativo nas maneiras de compreender e significar o mundo, regendo tanto os contratos de comunicação na esfera da previsibilidade – o quê, como e para quê algo é geralmente dito –, quanto na esfera da contingência – como efetivamente algo é dito. Em suma, a forma engendra sentidos no seio da alteridade; o contrato de comunicação geral coordena práticas languageiras que se efetuam em situações de reciprocidade cointencional e, nessas, a palavra é mais do que forma, mas índice de alocação de papéis entre outro e eu, reciprocamente.

SINAL, SIGNO IDEOLÓGICO, SIGNIFICAÇÃO E TEMA EM VOLÓCHINOV

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL), Volóchinov ([1929] 2018) apresenta encaminhamentos metodológicos para a resolução de problemas que há tempos o intrigavam. Podemos citar, por exemplo, as observações em publicações anteriores de que “cada aspecto da forma é um produto da interação social” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 145), ou também a observação de que, no enunciado “a escolha de certas palavras, certa teoria da frase, determinada entonação da enunciação – é a expressão da relação recíproca entre os falantes e todo o complexo ambiente social em que se desenvolve a conversa” (BAKHTIN, [1927] 2017, p. 79)². No artigo publicado um ano antes de MFL, observamos um olhar especial à palavra³ para explicar a própria agentividade do sujeito em estreito laço com o social: “Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do *outro* e, por fim, da perspectiva da minha coletividade.” (VOLÓCHINOV, [1928] 2019, p. 179).

A abordagem sociológica para o estudo das ideologias, proposição maior de MFL calcada numa filosofia do signo ideológico, parece responder às relações entre alteridade, forma e sentido no discurso. Para Volóchinov ([1929] 2018, p. 93), “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. [...] *Tudo o que é ideológico possui significação sgnica*”, dado que as palavras coletivizadas constituem o meio em que a interpretação – igualmente coletiva – do mundo material se torna possível. Logo, a alteridade, a constituição do signo e do sentido no meio social é condição tanto para a gênese da palavra, quanto para seu estudo.

Para a nossa discussão, tomaremos também dois caminhos, a saber: (i) o signo ideológico como materialização de uma relação alteritária, mais ou menos imediata e (ii) as relações entre forma e sentido, signo e sinal, significação e tema sendo influenciadas pelas

1 Neste artigo, entendemos “forma” como a unidade da língua que compõe a significação, “aspectos do enunciado que são *repetíveis e idênticos a si mesmos* em todas as ocorrências” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 228).

2 Em prefácio à nova tradução de *Palavra na vida e palavra na poesia*, Sheila Grillo (2019) traz os registros da produção acadêmica de Volóchinov no ILIAZV. Nesse compêndio, a autoria do artigo de 1925 foi destinada a Volóchinov. Segundo a autora, era um traço da autoria de Volóchinov publicar artigos em forma de resumo e, alguns anos depois, a obra completa. Por isso, assumimos a autoria de *O freudismo*, de 1927, como sendo igualmente de Volóchinov.

3 Acreditamos que o tom axiológico de “palavra” na segunda citação distinga-se da terceira, visto que na primeira parece haver um sentido mais próximo à “palavra enunciada”, enquanto que, na segunda, parece haver uma proximidade de sentido com “discurso” ou “enunciado”. A palavra *slova* pode remeter tanto a palavra, quanto a discurso. Sabendo desses matizes, empreendemos nossa discussão ao pensar a palavra como escolha que enforma um projeto enunciativo e objetiva sentidos em face a um outro – a qual parece contemplar ambas as acepções de *slova*.

relações alteritárias mais ou menos imediatas. Esses caminhos nos serão caros para compreender o estatuto da palavra nessa obra, empreendimento que não pode ser feito à parte da forma e do sentido. Para começarmos nossa discussão, nos perguntamos: o que é o signo ideológico?

Na proposição de sua filosofia da linguagem em 1929, Volóchinov faz do signo um eixo nodal da relação entre alteridade, criação de sentidos e ideologia. A “*filosofia do signo*, ou seja, a filosofia da palavra como signo ideológico *par excellence*” se justifica pela qualidade de “território comum tanto do psiquismo quanto da ideologia” própria do signo ideológico (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 127). Isso nos mostra que a palavra enunciada se torna possível como decorrência de um sujeito cuja consciência interior encontra-se preenchida por sentidos ideológicos, por compreensões compartilhadas acerca do mundo. Compreendemos que se o sujeito é social e a língua enquanto sistema é um artefato cultural, tanto a palavra enunciada quanto o sujeito trazem em si a história das relações que os engendraram, de maneira mais ou menos individualizada.

Achamos importante trazer a interpretação de Ponzio (2019, p. 179) acerca do sentido do conceito “ideologia” no texto de 1929: “expressão das relações materiais dos homens, onde ‘expressão’ não significa somente interpretação ou re-presentação, mas também organização e regulamentação dessas relações”. Por isso, o signo ideológico ensina ao sujeito seu estatuto, as dinâmicas mais ou menos estáveis de agir na coletividade, assim como as maneiras de colocar-se singularmente em face a essas dinâmicas. O signo ideológico, nesse sentido, pode ser visto não mais como um signo linguístico, mas como uma parte material e concreta do todo social em que as pessoas convivem. Os autores do Círculo concebem a linguagem de forma distinta de como ela era concebida à época; no caso da palavra, o signo ideológico não é visto em perspectiva semasiológica (sincronia de traços e semas), nem onomasiológica (diacronia de busca pela protolíngua e protosignificado) (STELLA, 2020). Ao estudar a linguagem, para fazer jus à ciência das ideologias, deveria ser feito um estudo em que se percebesse na língua os modos de constituição do sujeito incompleto, que se forja no diálogo e em estreita relação com as estruturas sociais que o circundam.

De um ponto de vista amplo, portanto, a palavra pode ser compreendida como um local em que o sujeito falante se encontra com seu outro, seja ele mais ou menos imediato, para construir sentidos sempre ideológicos. Inclusive, a memória da palavra enunciada pelos outros, a qual passa a constituir sua consciência individual, transforma o ser biológico em ser da cultura, que se forja singular na tensa relação com o social. Por isso, Volóchinov destaca a necessária distinção entre os conceitos de “indivíduo” e de “individualidade”, visto que o último surge como um manto sobreposto ao indivíduo, cuja singularidade é contraparte de sua inserção num grupo sociocultural. Lemos que o conceito de individualidade, “construído sobre o indivíduo natural, é por sua vez uma estrutura ideológica e sígnica, portanto social” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 129).

Disso depreendemos que a epistemologia manifesta no escrito de 1929 concebe como unidades intrínsecas a agentividade do sujeito, sua autoria – o “eu” ancorado no “nós” – e singularidade, e o todo social que a engendra. A palavra, portanto, deve refletir e refratar a própria condição humana de individualidade na coletividade, sendo capaz de situar, num mesmo uso, as condições alteritárias mais amplas, assim como as mais imediatas, que endereçam o enunciado ao seu outro, como prevíamos em nosso primeiro caminho de

discussão, a saber, o signo ideológico como materialização de uma relação alteritária, mais ou menos imediata. Por isso, a palavra é índice de singularidade ao promover o encontro entre o sujeito com aquilo que, em relação a ele, é não-coincidente, sendo um “palco” que constrói sentidos por tensionamentos; lemos: “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 140). Em outras palavras, para construir sentidos, não é possível ignorar a singularidade do outro, o que nos coloca indagações sobre o papel da língua, das formas e das palavras na concretização desses sentidos.

Mais à frente, Bakhtin perceberia esse fluxo de interação verbal como uma das inscrições do estudo da palavra no seio da translíngua, ou metalinguística – proposição que mostra os limites da linguística tradicional e que dialoga com a contribuição de Volóchinov para o estudo científico das ideologias:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. [...] Por isso, a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela **são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda palavra**, inclusive da palavra artisticamente empregada (BAKHTIN, [1963] 2018, p. 232, grifos nossos).

O que compreendemos do que está acima destacado é que a concepção de língua para além do formalismo é um projeto do Círculo, materializando-se no método sociológico de Volóchinov, na metalinguística de Bakhtin e na poética sociológica de Medviédev. Há uma relação entre repetição e transcendência na análise das formas, incluindo as formas linguísticas. Para compreender o funcionamento da palavra na construção de sentidos no método sociológico de Volóchinov, encaminhamo-nos ao segundo caminho de discussão e remetemos o leitor à distinção entre sinal e signo em MFL⁴.

Para Volóchinov, signo e sinal se distinguem e se complementam quando a forma é empregada na interação discursiva. Na concretização de sentidos, esta deve ser, além de reconhecida, compreendida. “De modo algum o processo de compreensão deve ser confundido com o processo de reconhecimento. Eles são profundamente diferentes. Apenas o signo pode ser compreendido, já o sinal é reconhecido” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 178). A compreensão não se dá apenas na seara da identidade da forma, mas também – e principalmente – na possibilidade de ser percebida pelo outro como *palavra enunciada*, índice de singularidade. Tal processo só ocorre porque a sinalidade fora preenchida por dentro com a signicidade sempre ideológica, algo que eleva a forma ao estatuto de palavra que se ancora em seu contexto e se direciona a seu interlocutor – “a forma é orientada pelo contexto e se constitui em um signo, embora estejam presentes sua natureza de sinal e o momento do seu reconhecimento” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 179). Portanto, deve

4 Essa distinção é próxima à crítica que se faz a uma mecânica separação entre material e forma em Médviédev ([1929] 2019). Como exemplo, citamos: “Independentemente das funções que o material possui na construção da obra, dentro dele predomina uma lei natural. Porém, além disso, cada átomo do material também está repleto da lei puramente artística. Um material é, em sua totalidade, arranjado artisticamente” (p. 176). Se pensarmos no material como a estrutura linguística da palavra e a forma como aquilo que compõe sentidos na totalidade do enunciado, compreenderemos que exista uma relação de interdependência em cujo processo a estrutura é modificada pelo estatuto novo do sentido. Esse estatuto novo reflete a interação discursiva, que não pode ser fechada na palavra monológica, mas compreendido no diálogo.

haver algo no funcionamento da palavra que comporte um lado recorrente e formal, assim como um lado singular. Como isso se explica?

Isso é explicado em Volóchinov pela relação entre forma, sentido e alteridade, enfocadas no princípio de “mutabilidade específica” do signo ideológico. Compreendemos por esse princípio que a palavra, em seu plano lexicológico, linguístico-estrutural, deva ser dotada de significações mais ou menos recorrentes, aplicáveis, em caráter de germen, a contextos de uso. Em outras palavras, um signo ideológico é mais ou menos móvel a depender da significação, de sua parte repetível, a qual licencia relativa estabilidade aos usos que desses signos possam se fazer, a depender de sua relativa estabilidade. Não se pode dizer qualquer palavra em qualquer situação, mas isso não implica dizer que apenas uma palavra possa ser dita em certas situações, ou que a mesma palavra, dita mais de uma vez, seja a mesma em suas ocorrências.

Volóchinov ([1929] 2018, p. 196) argumenta que a “integridade da palavra é garantida não apenas pela integridade de sua composição fonética, mas também pela unicidade comum a todas as suas significações”; tal nos permite depreender que o sinal a ser reconhecido carrega consigo regularidades formais que orientam sua compreensão como signo. Essa compreensão, como afirma o autor, se dá na “combinação dialética da unidade do significado com a sua multiplicidade” ([1929] 2018, p. 197), a qual apenas pode ser teorizada por uma abordagem sociológica dialética de base marxista, que congrega a forma e seu sentido sob a égide do social. Por isso, o sinal só ganha sua potencialidade sgnica porque está inserido numa comunidade que cria sentidos na esfera ideológica.

Em ambas as searas do enformamento enunciativo, ou seja, da objetivação dos enunciados, assim como da compreensão ideológica, o todo social é condição de singularidade. Uma palavra enunciada vem à tona numa resposta às palavras dos outros, ao contexto sociocultural em que o sujeito vive, e insta uma resposta do ouvinte, instaurando uma relação alteritária mais ou menos imediata. A palavra compreendida é sempre uma resposta ao interlocutor e se ancora na memória discursiva, nas recorrências da interação discursiva. Por isso é possível – e necessário – prestar à palavra uma contrapalavra, índice de compreensão ativa.

A acepção acima destacada encontra respaldo na epistemologia manifesta em MFL. O conceito de ideologia aparece vinculado com a criação de sentidos, manifesta em signos ideológicos. “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguados. Onde há signo também há ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sgnica*” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 93). A palavra enquanto índice das mudanças sociais reflete e refrata, em ampla esfera, as relações entre os sujeitos inseridos em macroestruturas sociais. Portanto, deve ser próprio da ideologia e do signo ideológico contemplar, ao mesmo tempo, o todo social e a singularidade dos sujeitos e sua necessária relação alteritária para a construção de sentidos. Inclusive, essa é a definição de Volóchinov para o conceito de individualidade: “construído sobre o indivíduo natural, é [a individualidade] por sua vez uma superestrutura ideológica e sgnica, portanto social” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 129). Já vimos que isso se manifesta estruturalmente na diferença entre sinal e signo no processo de reconhecimento e compreensão da palavra enunciada. Entretanto, há mais um produtivo ponto de análise, que é a diferença complementar entre tema e significação. Em que consiste tal diferença?

Pensar a palavra na tensão entre tema e significação também endossa seu estatuto na criação de sentidos em face a relações de alteridade mais ou menos imediatas. A tensão entre tema e significação torna mais robusta a reflexão sobre a mutabilidade específica do signo, ao refletir sobre o escopo da *palavra enunciada* ancorada em seus contextos de uso mais ou menos recorrentes – portanto, mais ou menos previsíveis. Na imbricação entre tema e significação, entendemos que as palavras possuem um escopo específico de emprego concreto, embora isso não exclua o caráter sempre novo e irrepitível da palavra enunciada, seu tema. A compreensão do tema na interação discursiva, acreditamos, efetua a síntese dialética que opera no entremeio entre reconhecimento e compreensão, sinal e signo.

Segundo Volóchinov ([1929] 2018, p. 229), o tema do enunciado é “individual e irrepitível como o próprio enunciado”; já a significação remete à recorrência das formas, aos “aspectos do enunciado que são *repetíveis e idênticos a si mesmos* em todas as ocorrências”. Em outras palavras, a unicidade e irrepitibilidade do enunciado manifesta um tema, que se ancora nas significações, nas recorrências tanto das palavras, quanto dos sentidos que normalmente são erigidos ao empregá-las. Inclusive, é na tensão entre unicidade e repetição que a possibilidade de subversões, sentidos paródicos e estilizações se tornam possíveis. Pensando na alteridade, compreendemos que a significação remete à esfera das práticas discursivas mais ou menos estáveis, nas quais algo que pode ou não ser dito. Não acreditamos tratar-se tão só da estrutura linguística, mas da estrutura que, tal como o sinal, é reconhecida pelos falantes como potencial realizadora dos sentidos ideológicos. No fundo, a significação se engendra numa esfera alteritária mais ampla – a língua nacional, a língua de uma comunidade –, na qual o sujeito concreto tematiza, individualiza e singulariza os sentidos ideológicos em face ao outro, seja ele mais ou menos imediato. Esses sentidos individuados só são possíveis com base nas repetições e nas estabilidades próprias da significação – mas esta é, em sua gênese, constituída na comunicação social.

No percurso de nosso segundo caminho expositivo, compreendemos que forma, sentido e alteridade em MFL resolve as preocupações anteriores de Volóchinov, ao fazer da palavra, enquanto signo ideológico, um local de encontro entre o eu e o outro, assim como um “palco da luta de classes” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 113), o lugar em que sentidos se constituem em proximidade com as classes e os grupos sociais. Colocamos ao leitor nossa interpretação de que, desde a estrutura linguística já existe, na consciência do falante, o reconhecimento ideológico do sinal e da significação em face ao outro, às objetivações de sentido na interação discursiva. Nesse local de encontro, nesse “palco” pluriacentuado, a palavra nos parece ser, ao mesmo tempo, índice e resolução das orientações semânticas dos sujeitos no todo social. É índice porque a palavra enunciada é uma orientação autoral “no conjunto de diferentes contextos possíveis” em que as formas são usadas, conjuntos esses que ancoram os sentidos objetivados (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 180). É resolução porque a palavra enunciada permite aos falantes explorarem os sentidos mais ou menos recorrentes por ela comportados a depender da especificidade da relação alteritária que a forjou. Acreditamos que seja nessa tensão que os processos de reconhecimento e compreensão se “resolvam” no engajamento alteritário em face à (co)construção de sentidos no mundo.

ATANDO OS NÓS: APONTAMENTOS FINAIS

Na exposição de nossa leitura acerca da teoria de Patrick Charaudeau ([2005] 2019) em *O discurso das mídias* e de Valentin Volóchinov ([1929] 2018) em *Marxismo e filosofia da linguagem*, acreditamos ter manifestado uma posição autoral que põe em diálogo vozes que tematizam sobre aspectos semelhantes da linguagem e do discurso. Visto que explicitamos de que forma a palavra pode ser concebida nas teorias, acreditamos haver entre elas harmônicos dialógicos que atam pontos de encontro entre a semiolinguística e o método sociológico. Dado que relações dialógicas são “relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 92), acreditamos que, entre a concepção de palavra para Charaudeau e para Volóchinov, haja relações dialógicas, não por semelhança epistemológica, mas na forma de conceber a interação discursiva.

Retomando nosso objetivo, percebemos que, para ambos os autores, a relação entre forma e sentido aparece intrincada numa tríade com a alteridade. Tanto no contrato de comunicação, quanto na dupla semiotização do mundo, a língua é vista como um local em que é possível instanciar o outro em face a um eu, prevendo a cointencionalidade desse processo. O signo ideológico, por sua vez, é palco de encontro entre sujeitos que reconhecem sinais e compreendem signos como decorrência de uma situação alteritária. Por conta desta, ancoram-se nas significações para responder ativamente ao tema, manifesto também no estatuto novo da palavra enunciada dos sujeitos em suas práticas sociais. A interação discursiva leva em conta um encontro de dois sujeitos ativos em volta da palavra, pois que é em volta desse signo que as formas de criação de sentido – das palavras e das práticas – se concretizam no momento irrepetível de enunciação.

Mais especificamente, a palavra enunciada enquanto um encontro de sujeitos parece ser condição para que esta se preencha de sentidos, seja ao nomear, conhecer e qualificar o mundo na transformação entre “mundo a comentar” e “mundo comentado”, em Charaudeau; seja ao tematizar o mundo, transformando a significação das palavras numa resposta ao todo social e ao interlocutor, em Volóchinov. A necessária observância de dinâmicas discursivas alteritárias mais amplas, não alijadas do todo macrossocial, também é uma tônica de ambos os autores, seja pelo viés do contrato de comunicação em Charaudeau, seja pelo reconhecimento do campo ideológico como um campo social.

Vale ressaltar que a observância de práticas discursivas mais ou menos recorrentes em ambos os autores não é sinônimo de privação, mas condição de liberdade. Quando Charaudeau se refere às representações sociais que as palavras acenam ou aos contratos de comunicação, assim como quando Volóchinov se remete às estruturas sociais que orientam a própria mobilidade da palavra em seus usos, compreendemos que, em ambos os casos, o sujeito do discurso ganha tal estatuto ao ser autor *para outro* e para a coletividade em que se constitui. É a plena assunção desse outro que torna possível ao sujeito traçar seu projeto enunciativo e engendrar as estratégias discursivas que darão cabo da finalidade da comunicação.

Como balanço, acreditamos que, em ambos os autores, o estatuto da palavra exemplifica como forma, sentido e alteridade se imbricam triadicamente. Em ambos os autores, a palavra analisada, em face a condições de alteridade mais ou menos imediatas, ao mesmo tempo se ancora e transcende a estrutura linguística. A palavra se ancora na forma

ao criar sentidos, visto que a forma remete ao conjunto de representações sociais e de ideologias coletivizadas numa dada comunidade. Ao mesmo tempo, a palavra transcende a forma no momento em que se torna palavra enunciada, aquela que concretiza sentidos. Esses, por sua vez, sempre são gerados ao instanciar ou responder a situações de alteridade específicas. Esse caminho de leitura pode ser caro aos pesquisadores ao conduzir suas análises, visto que organiza, sob uma única lente, a complexidade do fenômeno de interação discursiva.

Por fim, acreditamos que nossa leitura reitere a produtividade de empreender pesquisas que promovam interface entre a semiolinguística de Charaudeau e o método sociológico de Volóchinov, visto que tais teorias possuem pontos em comum, embora sejam diferentes. Essa interface amplia o escopo de análise dos fenômenos discursivos ao entrelaçar pontos de vista que podem ser semelhantes ao teorizar sobre os objetos, embora não coincidentes, fazendo tanto do arcabouço teórico, quanto das formas de acepção dos objetos, uma zona de tensão na qual a criatividade autoral necessariamente congrega várias vozes. O estatuto da palavra, para ambas as teorias, demonstra como é possível *nomear* e *compreender* o mundo sob pontos de vista diferentes, sem com isso prejudicar nem a posição autoral do sujeito pesquisador, nem a inteireza do objeto analisado. Em ampla análise, nomear e compreender, compactuar e interagir, transacionar e tematizar reitera o caráter plurifacetado do objeto das/nas ciências humanas, o qual se beneficia tanto mais vezes a ele respondam.

FORM, MEANING AND ALTERITY: NOTES REGARDING THE STATUS OF THE WORD IN CHARAUDEAU AND VOLOCHINOV

ABSTRACT: The word attached to alterity and to the (co)production of meaning seems to be the touchstone of either Bakhtin and his Circle's sociological method, and Patrick Charaudeau's semiolinguistic approach. This paper's objective is to discuss the relationship between alterity, form and meaning to the cited authors. In order to achieve this objective, we underwent a bibliographic research, eliciting the word as an analytic category. First, we present a review of Charaudeau's double semiotization process and communicative contract, taking into account both general and immediate alterity relationship regarding the selection of words in the utterance. Then, we review Volóchinov's proposition of the ideological nature of the sign as well as its specific mobility; theme and signification. Finally, we intertwine our discussion through the constructs of social representations and ideology, analyzing the status of form in the creation of meanings in face to the other.

KEY-WORDS: Word. Sociological method. Semiolinguistics.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963). Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **O freudismo: um esboço crítico** (1927). Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias** (2005). Trad. Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- PONZIO, Augusto. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. Trad. Valdemir Miotello, Hélio Pajeú, Carlos Turati e Daniela Mondardo. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.
- STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020, pp. 177 – 190.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926). In: _____. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, pp. 109 – 146.

VOLÓCHINOV, Valentin. As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente (1928). In: _____. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, pp. 147 – 182.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.